

O significado do sucesso

Educação Na Finlândia, só três por cento dos estabelecimentos têm mais de 600 alunos

Ao contrário de Portugal, lá fora aposta-se no regresso a escolas mais pequenas

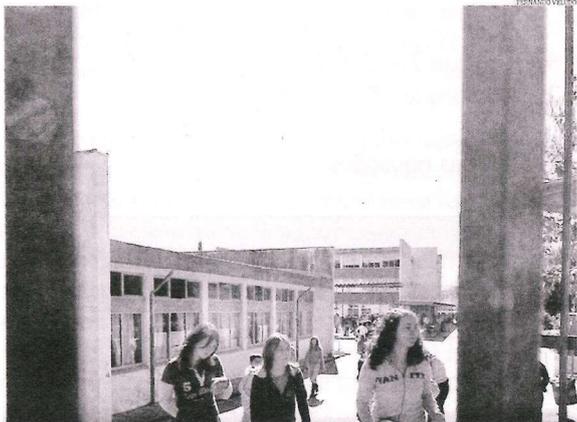
Em Nova Iorque, a taxa de sucesso entre os alunos que foram transferidos para escolas mais pequenas é superior à dos que permanecem nos velhos estabelecimentos

Clara Viana

© A criação de grandes agrupamentos escolares que irá começar a tomar forma em Portugal no próximo ano lectivo está em queda noutros países, que já viveram a experiência e tiveram maus resultados. Na Finlândia, a pequena dimensão é apontada como uma das marcas genéticas de um sistema de ensino que se tem distinguido pelos seus resultados de excelência.

Em Portugal, para já, os novos agrupamentos, que juntam várias escolas sob uma mesma direcção, terão uma dimensão média de 1700 alunos, indicou o secretário de Estado da Educação, João Trocado da Mata. O número limite fixado foi de três mil estudantes.

Em Nova Iorque, o mayor Michael Bloomberg tem vindo a fazer precisamente o oposto. Desde 2002 foram fechados ou estão em processo de encerramento 91 estabelecimentos. Entre estes figuram mais de 20 das grandes escolas públicas secundárias da cidade, que foram substituídas por 200 novas unidades. Nas primeiras chegavam a coabitar mais de três mil alunos. Nas novas escolas, o número



de inversão da tendência registada na última década no Reino Unido. O número de escolas com mais de dois mil estudantes quase quadruplicou e cerca de 55 por cento das secundárias têm mais de 900 alunos.

Com esta dimensão, a função dos docentes passou frequentemente a ser mais a de "apagar fogos" do que a de ensinar, constata-se num documento elaborado pela organização de professores Teach First.

Aumentar permite poupar

Um estudo elaborado há uns anos pelo EPI-Centre, de Londres, com base nas experiências dos países da OCDE, concluiu que os alunos tendem a sentir-se menos motivados nas escolas maiores e que os professores se sentem menos felizes com o ambiente vivido nestas.

Ao invés dos resultados obtidos em Nova Iorque, no que respeita às escolas secundárias concluiu-se, em contrapartida, que os resultados dos alunos tendem a ser melhores em es-

In Público, 19 de Julho de 2010

Filha — *Oh mãe! Já viste isto a M., o A. e o P. passaram de ano. Na minha turma passaram todos!*

Mãe — *E então?!*

Filha — *Então?! Então a minha DT fartou-se de dizer que para passar é preciso ter positiva a Português e a Matemática e eles tiveram negativa a Português e a Matemática e mais uma data de disciplinas e passaram!*

Nas últimas semanas e no que se refere a educação temos lido na imprensa: sobre mega agrupamentos, que alguns alegam contribuir para o sucesso escolar; sobre abandono escolar; e sobre os 149 alunos do 8º ano, com 15 anos ou mais, a quem foi dada a possibilidade de fazer exames de conclusão do ensino básico e para os quais o insucesso foi de 100% (<http://publico.pt/1447502>).

Estas notícias têm-me feito reflectir sobre aquele diálogo entre mãe e filha que prosseguiu com a indignação da filha questionando porque é que a mãe insistia para ela estudar; se ela sem estudar até tinha 4 e 5 e os colegas com 2 tran-

savam de ano na mesma. E com alguma dificuldade da mãe em fazer valer os seus argumentos!

Aceitando os argumentos, e as evidências, de que as repetições de ano baseadas em mais do mesmo pouco adiantam, parece ser o investimento em planos de recuperação, tão individualizados quanto possível, a solução. No entanto os planos de recuperação individualizados parecem estar a transformar-se em mais carga burocrática para os professores do que em recuperação para os alunos.

Será esta maior individualização de percursos e soluções viáveis numa lógica de mega agrupamentos? Serão os mega agrupamentos a trazer a solução?! Lemo que muito pelo contrário. Porque não aprendemos com as experiências de outros? A Finlândia, tida como um dos países com resultados de excelência, aposta nas escolas de pequenas dimensões. Nova Iorque e o Reino Unido fazem marcha atrás e apostam na redução do número de alunos por escola. Um dos fortes argumentos aqui apresentados para a redução da dimensão da escola é a humanização da

mesma e a maior qualidade do exercício da docência: «Com esta dimensão [referindo-se a escolas com mais de 900 alunos], a função dos docentes passou frequentemente a ser mais a de apagar fogos do que a de ensinar».

Teoricamente uma gestão centralizada, numa direcção para mais escolas, incorre em poupanças. Serão estas poupanças reais e lucrativas quando pensamos na gestão pedagógica de recursos e soluções?

Soluções que permitam aos alunos que de alguma forma têm lacunas nas suas aprendizagens recuperar as suas dificuldades e continuar a progredir passam, a meu ver, por soluções locais de investimento de recursos humanos e responsabilidade e responsabilização dos envolvidos. Haverá capacidade para encontrar estas soluções a um nível macro, ou mega?!

Preocupa-me e incomoda-me que se generalizem afirmações que correspondem a crenças e atitudes do tipo: «Oh, stora, não se rale, no pedagógico a gente passamos à mesma» a juntar às da menina com boas notas que não vê razão para estudar!

Ana Luísa Paiva
Esc. Sec. Padre António Vieira